

O imbrochável vai a Moscou

Objetivo da visita de Bolsonaro a Putin é exaltar masculinidade tóxica

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Uma característica inusitada do bolsonarismo é a preocupação constante em associar seu projeto doméstico a uma grande narrativa internacional. O fim da aliança com Trump e Netanyahu, pedra angular da diplomacia entre 2019 e 2021, obrigou aliados do presidente a irem atrás de alternativas. Após trocar simpatias com Erdogan e se encontrar com os petromonarcas do Oriente Médio no final do ano passado,

Jair Bolsonaro se prepara para completar a guinada oriental da sua política externa com a viagem à Rússia. Para Vladimir Putin, o momento não poderia ser mais oportuno. Numa das maiores mobilizações de uma potência militar desde a Guerra do Golfo de 2003, o líder russo estacionou cerca de 130 mil tropas na fronteira ucraniana e iniciou um jogo de pressão com as potências ocidentais. O mês de fevereiro será de-

cisivo, e Putin quer mostrar que a Rússia não está isolada. No embalo do memorável encontro com Xi Jinping, apresentará a visita de Bolsonaro como manifestação de apoio dos países do Brics. Para desespero do Itamaraty, será quase impossível impedir a instrumentalização da agenda pelo Kremlin. Esse enésimo constrangimento diplomático terá impacto limitado para o Brasil. As potências ocidentais

parecem indiferentes às provocações de Bolsonaro, que consideram um caso perdido. A aproximação com potências não ocidentais vai sempre esbarrar na antipatia à China, tornada irreversível pelo comportamento primitivo dos bolsonaristas. Nesse contexto, é difícil que algum dirigente, a começar pelo ultrarrealista Putin, gaste seu capital político se comprometendo com o governo brasileiro a pou-

cos meses das eleições. A nova fase da diplomacia bolsonarista promete ser igual à anterior: amadora, superficial e facilmente manipulável. Sobram a Bolsonaro, apenado e isolado, o vício e a vigarice. Desde as eleições de 2018, ele vem usando as relações internacionais para virilizar a sua imagem. Sob esse ponto de vista, a agenda russa cumpre plenamente a sua função. Nos últimos 20 anos, Putin praticamente reinventou o uso da masculinidade como um instrumento de poder, pilotando tanques e desafiando ursos para resgatar a autoestima dos homens russos traumatizados pelo colapso da União Soviética. Ao se aproximar do rei da masculinidade tóxica, Bolsonaro reafirma a sua associação a Do-

nald Trump, Mohammed bin Salman, Matteo Salvini e outras figuras admiradas pelo eleitor de extrema direita. Mas essa operação cosmética pode sair pela culatra. Afinal, o contraste entre os dois exércitos é muito mais forte do que o paralelo entre Bolsonaro e Putin. De um lado estará o chefe de uma força que se estabilizou por alçar a posições de tomada de decisão sumidas como Eduardo Pazuello, desfilando com tanques fumegantes e gastar em filé mignon e picanha os recursos para enfrentar a crise sanitária. Do outro, o líder de um país que consegue pensar em todos os tabuleiros militares do mundo com o PIB equivalente ao do Brasil. A viagem a Moscou vai deixar claro, outra vez, a insignificância do imbrochável.

| SEG. Mathias Alencastro | QUI. Lúcia Guimarães | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

EUA fazem jogo duplo, e Ucrânia afasta ‘previsões apocalípticas’

Americanos negam querer guerra, mas vazam relatório sobre ação russa para tomar Kiev em menos de 48 h

WASHINGTON | REUTERS E AFP Dias após anunciar o envio de cerca de 3.000 soldados para a Europa, os EUA afirmaram neste domingo (6) que não pretendem iniciar uma guerra com a Rússia, que mobilizou 110 mil militares na fronteira com a Ucrânia e dá sinais, segundo o governo americano, de que uma invasão pode ocorrer em breve. “O presidente deixa claro há meses que os EUA não estão enviando forças para iniciar uma guerra ou entrar em uma guerra contra a Rússia na Ucrânia”, afirmou Jake Sullivan, conselheiro de segurança nacional do presidente Joe Biden, em entrevista à rede americana NBC neste domingo. O primeiro contingente de soldados americanos chegou à Polônia no sábado (5). O governo ucraniano, por sua vez, por meio de Myhalo Podoliak, conselheiro-chefe do presidente Volodimir Zelenski, tem tentado reduzir as tensões e voltou a dizer que a possibilidade de resolver a crise com a Rússia por meio da diplomacia segue maior do que a chance de uma invasão. No Twitter, o chanceler Dmitry Kuleba reforçou o coro e pediu que a população “não acredite em previsões apocalípticas”. “Hoje, a Ucrânia tem um Exército forte, apoio internacional sem precedentes e a fé dos ucranianos em seu país. O inimigo deve ter medo de nós, não nós deles.” Para Jake Sullivan, entretanto, “uma escalada militar e uma invasão poderiam ocorrer a qualquer momento”. “Acreditamos que os russos já colocaram em marcha capacidades para uma operação militar significativa”, disse. Segundo o assessor do governo americano, entre as opções russas estão a anexação da região de Donbass, onde separatistas apoiados pela Rússia romperam com o controle do governo em 2014, ou mesmo uma invasão em larga escala. Ataques cibernéticos também estão sobre a mesa. No fim de semana, a inteligência americana começou a vaziar relatórios à imprensa sobre o que aconteceria se a Rússia optasse por um

ataque de grandes proporções. A invasão, para a Casa Branca, poderia tomar a capital Kiev e derrubar Zelenski em até 48 horas, além de matar de 25 mil a 50 mil civis. Entre as baixas também poderia haver entre 5.000 e 25 mil soldados ucranianos mortos e entre 3.000 e 10 mil soldados russos. A ação poderia desencadear uma avalanche de refugiados, de 1 milhão a 5 milhões de pessoas, principalmente para a Polônia, de acordo com a Casa Branca. Funcionários da inteligência americana também disseram ao Congresso dos EUA que as forças russas têm crescido em ritmo constante e que Putin terá poder de fogo para uma invasão em grande escala, com cerca de 150 mil soldados, em poucas semanas. Apesar de já ter reunido 110 mil tropas na fronteira, a Rússia não sejam atendidas, como o grupo a seu tamanho antes da absorção de membros ex-comunistas — pontos inaceitáveis para os americanos. Moscou, mesmo que negue a intenção de invadir a Ucrânia, segue mostrando os dentes, com manobras militares conjuntas com Belarus e o envio, de acordo com a inteligência americana, de batalhões para o norte de Kiev e para a região de Brest, próximo da fronteira com a Polónia. Há duas semanas, 60 batalhões do Exército russo se posicionaram ao norte, a leste e a sul do país vizinho, particularmente na península da Crimeia, anexada pela Rússia depois de uma invasão em 2014. Na última sexta-feira o número cresceu para 80 batalhões, e outros 14 estavam a caminho a partir de outras partes do país, também segundo autoridades americanas. Além disso, cerca de 1.500 soldados das forças especiais russas conhecidas como Spetsnaz foram enviados ao longo da fronteira com a Ucrânia há uma semana.



Telão na região central de Londres exibe retrato da rainha Elizabeth 2ª no 70º aniversário de seu reinado Tom Nicholson/Reuters

Príncipe Charles homenageia 70 anos do reinado de Elizabeth 2ª e agradece apoio à esposa Camilla

LONDRES | REUTERS E AFP O príncipe Charles, do Reino Unido, homenageou neste domingo (6) o aniversário de 70 anos de reinado de sua mãe, Elizabeth 2ª, e agradeceu o apoio dela para que sua esposa, Camilla Parker Bowles, receba o título de rainha consorte quando ele assumir o trono. “A devoção da rainha ao bem-estar de todo o povo inspira ainda mais admiração com o passar dos anos”, afirmou o filho em um comunicado. “O ano deste Jubileu de Platina sem precedentes traz uma oportunidade para todos nós nos unirmos na celebração da rainha”, escreveu. O prêmio Boris Johnson, sob pressão para renunciar após a revelação de festas do governo durante os períodos mais severos de lockdown no país, também aproveitou para homenagear a rainha, que “em sete décadas de reinado mostrou um inspirador sentido de dever e uma devoção inabalável a esta nação”. Elizabeth 2ª comemorou 70 anos de reinado em cerimônia privada neste domingo, como tem sido tradição — ela costuma passar os aniversários de reinado na propriedade real de Sandringham, ao norte de Londres. O dia 6 de fevereiro costuma ser adatação para Elizabeth, porque, além de sua ascensão ao trono, aos 25 anos de idade, em 1952, é também a data da morte de seu pai,

o rei George 6º, a quem era muito apegada, vítima de um câncer de pulmão. Este ano é também o primeiro em que celebrará seu aniversário de reinado sem o marido, o príncipe Philip, morto em abril de 2021 aos 99 anos. Antes de viajar a Sandringham, a rainha lembrou, no Castelo de Windsor, objetos e mensagens recebidos em jubileus anteriores. Entre eles, um cartão feito com tampas de garrafa e uma “receita para uma rainha perfeita”, escrita por uma criança, com sugestões de itens como “500 ml de sangue real”, “um pouquinho de joias” e “uma pitada de lealdade”. “É muito divertido”, disse ela, de acordo com o Palácio de Buckingham. No sábado (5), a rainha ma-

nifestou publicamente apoio a Camilla, mulher de Charles. “É o meu desejo sincero que, quando chegar a hora, Camilla seja conhecida como rainha consorte”, escreveu ela. Charles respondeu neste domingo. “Estamos profundamente conscientes da honra representada pelo desejo de minha mãe. À medida que buscamos juntos servir e apoiar Sua Majestade e as pessoas de nossas comunidades, minha querida esposa tem sido meu apoio constante.” Em 2005, quando Charles e Camilla se casaram, um comunicado da família real afirmava que a intenção do príncipe era que ela mantivesse o título de princesa consorte. A época, o anúncio foi visto como um reconhecimento da sensibilidade do tema, já que o título de rainha estava destinado a Diana, primeira mulher de Charles, de quem se divorciou em 1996, um episódio envolto em boatos de traição mútua. Charles, por exemplo, ganhava notoriedade pela “amizade” com Camilla. A morte de Diana, no ano seguinte, chocou o Reino Unido, e a imagem de Camilla como uma espécie de pária sob os olhos da população permaneceu durante muito tempo. Uma entrevista de Diana à BBC, na qual dizia que o casamento dela, “com três pessoas”, estava “um pouco lotado”, reforçou essa percepção.

Agora, com a indicação de Elizabeth para fazer com que Camilla seja, oficialmente, considerada rainha, a duquesa de Cornwall parece não ser mais vista como uma amante real, mas uma figura central na família. Na véspera da comemoração do Jubileu de Prata, celebrado neste domingo, Elizabeth fez uma recepção em sua residência de Sandringham, uma rara aparição desde sua breve hospitalização em outubro. “A rainha ofereceu uma recepção para os membros da comunidade local e grupos de voluntários em Sandringham na véspera do dia de sua ascensão ao trono”, anunciou o Palácio de Buckingham em uma nota. “Em 6 de fevereiro, a rainha será a primeira monarca britânica a celebrar um Jubileu de Platina.” Nas fotos, sorrindo, vestida com roupas de cor azul e um colar de pérolas, a rainha cortou um bolo preparado para a ocasião por uma moçadora local, que levava o emblema do Jubileu de Platina. Entre os convidados estava a ex-cozinheira Angela Wood, que contribuiu para a criação do “Coronation chicken” ou “Frango Rainha Elizabeth”, agora um clássico da gastronomia britânica: frango frio envolvido por um molho de curry cremoso, que foi servido no banquete da coroação de Elizabeth 2ª, em 1953.

“A devoção da rainha ao bem-estar de todo o povo inspira ainda mais admiração com o passar dos anos [...] [Esta é] uma oportunidade para nos unirmos na celebração da rainha

Príncipe Charles em comunicado